

Política externa

Não se puxam orelhas de cavalheiros adultos sem sequelas

Sacha Calmon, Advogado tributarista, coordenador do curso de especialização em direito tributário das Faculdades Milton Campos, professor titular da UFRJ

Em toda a sua existência até o segundo mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o Brasil teve uma política externa marcada pelo bom senso, comedida e respeitada. Primeiro, jamais fomos expansionistas. Evo Morales foi injusto ao dizer que compramos o Acre a troco de cavalos. O Barão do Rio Branco ofertou pelo território o preço justo. Algo semelhante ocorreu com a Lousiana, comprada pelos Estados Unidos da França, que se não o fizesse, a perderia por anexação e, com o Alasca, comprado da Rússia, que para vendê-lo pretextou necessidades financeiras. O tzar que o vendeu não teve visão de futuro.

Em segundo lugar, tínhamos por dogmas a autodeterminação dos povos e o princípio da não intervenção nos assuntos internos de terceiros países, granjeando para o Brasil uma aura de simpatia mundial, até porque – não sendo xenófobos – sempre recebemos migrantes de todo o mundo, integrando-os por completo. Tivemos algumas dificuldades com os americanos que migraram após a guerra da secessão (muitos não aguentaram as agruras daquela nossa época e voltaram) e os alemães. Getúlio foi enérgico, obrigando-os a falar português na alfabetização. Vejam que J. Gerdau, até hoje, fala guturalmente como os germânicos. Em terceiro lugar, por não tomarmos partido, sempre compusemos a lista dos países mediadores de conflitos na América do Sul, exceto quando a Argentina esteve envolvida com o Chile sobre o Canal de Beagle, mediado pela Santa Sé.

Com FHC, o país começou a projetar-se por ter um presidente ganhador de títulos honoris causa, que levava à frente uma agenda modernizante para o país do real, tirando-o da hiperinflação. E nisso se ficou. As novidades aparecem nos mandatos de Lula. No primeiro, ele ocupou-se de controlar os nossos irmãos falantes do espanhol que se ergueram em nome das massas despossuídas: Venezuela, Bolívia, Equador e Paraguai. Engolindo cobras e lagartos e com cedendas onerosas e vergonhosas, neutralizou-se um sentimento antibrasileiro no continente.

O pior é que nos tornamos íntimos desses caudilhos. Quanto ao Mercosul, verdadeiro fracasso, fomos lenientes com os sempre pretensiosos argentinos, a criar barreiras comerciais contra o espírito do tratado de união aduaneira e de livre comércio. Faltou-nos liderança e capacidade de persuasão. O comércio sul-sul até que avançou um pouco, entra no rol dos méritos. A emergência do Brasil como um dos Brics catapultou o país para o primeiro plano da política mundial. O carisma do presidente a todos conquistou, especialmente a Sarkozy. O G-8 tornou-se o G-20. Neste exato momento “o cara” passou a falar demais e pelos cotovelos, o que não se coaduna com o linguajar bem pensado

da diplomacia. Senão vejamos. Dizer que Obama e Hu Jintao tinham sim que apresentar metas em Copenhague, foi de uma grosseria sem par, como se esses mandatários das duas maiores economias poluidoras e que representam – em seus respectivos países – as correntes mais sensíveis contra o aquecimento global não estivessem preocupados com o problema. Um apelo fraterno, embora incisivo, teria sido muito mais simpático. Não se puxam orelhas de cavalheiros adultos sem sequelas. Mas com os conselheiros que Lula tem o que se pode esperar? O abraço afetuoso e entusiástico dado ao presidente do Irã, Mahmud Armadinejad – embora a República islâmica tenha direito de explorar a energia para fins pacíficos –, certamente foi uma gafe. A linguagem corporal também conta. E, novamente em Berlim, Lula insinuou que a Rússia e os EUA não têm moral para forçar o Irã a renunciar a ter energia nuclear, se não destruírem seus respectivos arsenais. O que se lê nas entrelinhas? Que Lula acha mesmo que o Irã deve e pode ter armas nucleares, outra gafe, a reforçar a imagem de um país de “moral dupla” (insinceridade política marcada por opção ideológica não declarada). A dupla moral fora já referida por Oscar Arias, da Costa Rica, sobre o não reconhecimento pelo Brasil das legítimas eleições hondurenhas – um pequeno grande país pela maturidade democrática e institucional – ao tempo em que defende as eleições no Irã, com o povo nas ruas, em gigantescas manifestações contra um regime autoritário, teocrático, radical, misógino e odiento, cujo povo – a parte mais esclarecida – pugna por mais liberdade e democracia. Lula comparou a oposição iraniana a uma torcida de futebol insatisfeita com o placar; comparação vulgar.

Nada autorizava dizer que em Honduras houve golpe de Estado, mas o afastamento constitucional de um presidente que se quis maior que a Constituição de seu país! Lula maculou nossa embaixada, intervindo na política interna de um país soberano. Não foi essa soberania que o assessor de Assuntos Internacionais, Marco Aurélio Garcia, alegou para justificar o tapa na cara que a Bolívia nos deu, nacionalizando a Petrobras e nos chantageando com o gás? O mundo diplomático já sussurra que o Brasil não tem maturidade para ocupar uma cadeira permanente no Conselho de Segurança das Organização das Nações Unidas (ONU). Sai daí, Garcia.